ANO 2.º LISBOA--QUINTA-FEIRA, 6 DE JULHO DE 1922 N.º 385

Diario de Lisboa

Numero avulso: 10 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Mundo, 116

NO dia 8 deste mez, passa o centenario da morte de Shelley, o qual naufragou, ao largo de Livorno, quando ia ter com a sua mulher, viajando ele a bordo da barca *D. Juan*.

O seu corpo foi incinerado, na presença dos seus amigos lord Byron, Trelawny e Leigh Hunt e as cinzas enterradas, no cemiterio protestante de Roma, trez meses depois.

Trelawny contou, com profunda magoa, como se construio a pira em que foi estendido o seu cadaver, depois de ter sido inudado de vinho, erguendo-se logo as chamas azuladas do alcool que a pouco e pouco foram consumindo os despojos mortais do autor de *Queen Mab*.

O coração ficou intacto.

Pareceu isto uma maravilha a todos os presentes. Byron disse:—«Shelley viveu sempre pelo coração e tão nobremente que não haverá fogo que o possa destruir».

* * *

TODA a gente reconhece que o problema das subsistencias começa a tomar as proporções dum Calvario, sendo de prever muitas amarguras para todos nós, a partir do proximo outono. Não seria ocasião mais que oportuna para tratar de conter nos justos limites um mal que, á medida que for alastrando, lançará no desespero e na revolta muita gente?

* * *

DO sr. conde de Lopez Munoz, que, durante a guerra, foi ministro da Espanha junto do nosso governo, recebemos o primeiro volume das suas *Obras Completas*. Abrange os seus trabalhos poeticos em que o classicismo e o romantismo se acham largamente representados, em poemas de enternecedora leitura.

* * *

O *Diario de Lisboa* recebeu ontem a visita do sr. dr. Belford Ramos, mui digno encarregado de negocios do Brasil, que nos veiu agradecer as simples palavras de justiça que temos dedicado ao seu país, no proposito de concorrermos para uma maior aproximação entre os dois povos.

* * *

RECEBEMOS *A Beira*, que se publica em Vizeu, sob a direcção inteligente de Bartolomeu Severino. Agradou-nos muito a sua visita, pois se trata dum simpatico colega que adoptou a forma e disposição grafica do *Diario de Lisboa*.

* * *

CHEGOU hoje á nossa redacção o folheto de propaganda que, sob a direcção do sr. João Chagas, se publicou em Paris ácerca do *raid*. Intitula-se *De Lisbonne à Rio de Janeiro par les airs*.

* * *

O papa Pio XI vai dirigir ao mundo catolico uma enciclica, que se diz escrita por seu proprio punho, em que exporá as linhas essenciais da sua acção como chefe da Egreja.

* * *

CONSTA-NOS que o governo vai transferir para a metropole 2.800.000 libras que se encontram depositadas em Macau, com destino ás obras do porto.

* * *

DIZ-SE que as relações entre Portugal e o Brasil se estreitarão cada vez mais, andando empenhados nisso notaveis politicos de cá e de lá.

RESPOSTA A JOÃO DE BARROS

Resumindo, sempre com o olho inquieto na tirania recalcitrante do espaço e, consequentemente, na insuperavel impossibilidade de larga divagação didatica:

Relativamente ao Brasil: Uma *entente* politica? Não, *por emquanto*. Ou melhor, não, em face da desegualdade da situação juridica de dois Estados, um em *vida normal* e outro em *vida anormal*, dentro das regras do direito publico. Então o quê? Isto: uma *entente moral e intelectual* das duas Republicas, realisavel pelos laços de sangue e de lingua que as unem, e uma *entente economica*, com base na navegação directa e numa convenção comercial que transformasse Lisboa num porto franco para o Brasil. Esta aproximação, preconisada nos n.os 21 e 26 da revista *Atlantida* que João de Barros notavelmente dirigiu, por nomes como os do dr. Jaime de Magalhães Lima, Nunes Ribeiro, Lopes de Mendonça e Julio Dantas, mereceu a Graça Aranha, membro da Academia Brasileira e *vieux diplomate*, o seguinte comentario lapidar:

«A Alemanha quís o dominio do Brasil e de Angola de maneira a canalisar para Hamburgo os produtos destes dois ricos emporios, que, situados na mesma latitude mas em continentes diversos, parecem predestinados a uma intima cooperação.

Calcule-se o que acontecerá quando as duas republicas da mesma raça se unirem. Tanto da America como da Africa, as mercadorias chegarão a Lisboa escaladas pelas ilhas de Cabo Verde e Madeira, isto é, por territorio português. Não mais concorrencia entre estas duas regiões, produtoras das mesmas materias primas, mas colaboração fraternal e frutuosa. Convencido estou de que as dificuldades que a federação dos dois países representa, serão facilmente aplanadas. As susceptibilidades desaparecerão diante do formidavel interesse que representa a cooperação de todos os homens da raça portuguesa em todas as partes do mundo. O ministro dos Negocios Estrangeiros do Brasil, sr. Domicio da Cama, inscreveu a união do Brasil e Portugal no seu programa politico.»

Ainda não tinha chegado ao Brasil a *Ave Branca* da Anunciação. Que pretendo pois? Que internacionalisada a Patria pelos herois, o Estado não seja subvertido pelos safardanas. E' o que João de Barros, eternamente em vibração e em fé, ha muito pretende tambem. *Modus faciendi?* Os diplomatas que respondam. Pois que os homens de letras e os artistas — alguma coisa já fizeram num país em que certas conquistas demandam mais que *talento*: demandam *abnegação*. Viabilidade? Inviabilidade? O futuro dirá. E' a nós, porém, que incumbe preparar o futuro. Como? *Prevendo*. A previsão é uma qualidade essencial aos homens publicos. Remediar, é facil. E' mesmo um dos verbos mais vulgarmente declinados pela filosofia do porco, que tem, entre nós, assento nos conselhos de Estado, entre a *Bota* e a *Tomba*.

* * *

Entente luso-espanhola. Alude João de Barros a uma das concepções do *iberismo*: absorção pacifica? Quero crêr que sim, ao atentar nas ultimas linhas da carta com que me desvaneceu e honrou. Mas conhecendo João de Barros, em primeiro logar, o *espirito nacional* de Portugal e de Espanha, e, em segundo logar, a politica, — sobre o Atlantico e o Mediterraneo —, da Inglaterra, dos Estados Unidos e da França, supõe João de Barros possivel essa absorção? Não é possivel. Nós encontramos *em jogo*, e não *em arremesso*, duas raças diferentes. O que é necessario é que essas duas raças, é que esses dois povos se entendam para um *fim comum*. Este fim, *que exclue o iberismo*, não exclue o *entendimento*. Este fim — é o da *valorisação da peninsula iberica*, no campo economico e no campo politico, valorisação realisada *por duas soberanias distintas*. A situação geografica da peninsula é excepcional.

Nós ocupámos, no Velho Mundo, uma especie de morro de vigia para o Novo Mundo, Portugal e Espanha teem que resolver, juntos, o *problema comercial*, pelo estabelecimento de mercados e permuta de transacções; e o *problema industrial* pela troca da hulha branca por certas materias primas.

Repito: a absorpção pacifica, posta de parte não só pelo vadrês internacional e pelo ingenito sentimento patrio, mas pela densidade das respectivas populações, não passa pela cabeça de um unico estadista espanhol, tanto mais que a Espanha tem todo o seu tempo tomado pela penetração marroquina, que eu reputo instavel por motivos que de longe veem.

Em pprentesis—elucidativo: O compendio de geografia adoptado como texto para as Academias Militares Espanholas, por *real ordem* de junho de 1916, e de que são autores os oficiais de artilharia irmãos Izquierdo Croselles, ao referir-se a Portugal, traça uma *teoria fisica* da nacionalidade portuguesa (coisa que se não encontra nos nossos compendios).

Assim, declara que Portugal não é apenas uma criação historica do Estado português, mas que, tendo contribuido para a formação portuguesa certos factores geograficos, entre estes factores avultam: a) o massiço trasmontano que protegeu, contra as investidas leonesas, o condado portucalense; b) a estructura singular das nossas costas que, a partir do Minho, tomou uma configuração diferente das costas galegas; c) a circunstancia dos três grandes rios portugueses mudarem de rumo ao aproximar-se da fronteira portuguesa, coincidindo com essa mudança de rumo o limite da influencia do Atlantico na Peninsula.

E' sôbre textos desta natureza e desta probidade que a Espanha está formando a mentalidade das suas *élites*, tanto as militares como as civis. Sabe a Espanha em todo o caso, que, aberta como se encontra por todos os lados, só pode ter *politica externa* se lealmente se ligar a Portugal. E' o que nos prova o *paralelismo das duas soberanias triunfadoras* no seculo XVI. E a este proposito, João de Barros leia o formidavel estudo de Moniz Barreto, na revista *Portugal*, da direcção de Eça de Queiroz.

* * *

O que eu prégo, disse João de Barros, é uma *entente* (e não um *iberismo*) que seja o produto de uma função do poder publico; isto é, de uma função de acção e coordenação de *interesses comuns* num determinado sentido. O que é preciso, porém? E' preciso (escrevia-o n'*A Patria* a 31 de maio de 1920) que Portugal se organize *politica e militarmente. Politicamente*, transformando-se num Estado, ou melhor, mantendo *a unidade do vinculo juridico* que liga a sua população, e que nada mais é, em direito publico, do que a unidade das condições que constituem *a Nação*. *Militarmente*, assegurando a unidade do Estado e a sua independencia. As democracias não são incompativeis com um forte poder militar. Ele é absolutamente necessario aos povos que queiram viver. E' um dos poderes de dignificação e de capacidade contractual de todas as patrias. Em entendimento com o Brasil e depois com a Espanha (cuja politica de aproximação com as Americas latinas se acentúa dia a dia), a projecção americana na peninsula estará naturalmente e irremessivelmente feita. Em pouco tempo? Em muito tempo? Sabe o meu querido João de Barros que, nestes assuntos, não há *letras a prazo*. O prazo, de resto, pouco me interessa. O que me interessa *é não nos isolarmos*, é não deixarmos de engrenar na grande maquina internacional, como élos da sua cadeia e como a terceira potencia colonial do mundo.

That is the question.

Trindade Coelho

NA Suissa foi modificado de oito para nove horas o horario do trabalho operario. Se a lei das oito horas é uma conquista do progresso, a volta ás nove horas é uma conquista da experiencia. Entre nós os operarios são os unicos homens que têm a conquista do horario das oito horas por seu lado, e enquanto todos os homens da classe média e muitos da chamada burguesa, para usufruirem o necessario, não contam horas, os operarios em regra ficam ainda áquem das oito. Não queiramos mal aos operarios pela sua conquista. Consideremos apenas que á sombra dela ha muita boa gente das classes supostamente afortunadas que vive apenas regulamentada pela mais silenciosa miseria.

* * *

RECEBEMOS de Francisco de Almeida Moreira, ilustre director do Museu Grão Vasco, a comunicação que apresentou no congresso de historia da arte, celebrado em Paris em 1921. Intitula-se *Un Peintre Regionaliste Portugais au XVIe Siècle*. E' um trabalho de valor em que o senso critico e a erudição se equilibram, robustecendo-se.

* * *

ENCONTRA-SE á venda em todas as livrarias o numero 15 da *Seara Nova*. Entre outros trabalhos notaveis, publica um estudo do dr. Reinaldo dos Santos sobre o pintor português Alvaro Pires de Evora, cuja obra encontrou na Italia, visitando a igreja de Sancta Croce, junto a Pisa.

* * *

RECEBEMOS a *Conferencia sobre o Padroado Português do Oriente* realizada na Sociedade de Geografia de Lisboa, em 20 de Fevereiro de 1922, por D. José da Costa Nunes, bispo de Macau. E' um trabalho de grande valor em que se estuda um dos problemas mais graves da nossa acção civilizadora e cristã, na Asia.

* * *

O explorador das regiões arcticas, Roald Amundsen, propõe-se realizar em avião este singularissimo *raid*—partir de Point Barreau (Alaska), voar por cima do polo norte e aterrar na ilha de Spitzberg.

A distancia é de 3.000 quilometros que conta vencer em 18 horas, gastando 1.600 litros de gazolina.

* * *

A Real Academia de Historia, de Madrid, celebrou ha dias a sua ultima sessão, antes de ferias, resolvendo fazer transferir para o Museu de Santander os moveis de que se serviu o grande historiador Menendez Pelayo.

* * *

PODE-SE reputar infeliz a ideia de se reorganisarem os serviços publicos, deixando de preencher as vagas que se derem por morte, reforma ou demissão, com excepção das de caracter tecnico—isto para, ao fim de oito anos, se constatar que desappareceram quatro mil empregados publicos.

* * *

ESTÁ publicado o terceiro volume da obra *Depois do Terremoto*, da autoria do sr. Matos de Sequeira, investigador e arqueologo de grande probidade. Ocupa-se exclusivamente dos sitios do Rato, tratando muito bem da famosa e extinta *Fabrica das Sedas*.

TAUROMAQUIA

VAMOS TER TOUROS DE MORTE?

A UNIÃO DOS CRIADORES DE TOUROS DE LIDE

pela pena do sr. José de Vasconcelos

responde á Sociedade Protectora dos Animais

O sr. A. M. Pereira tenta *contestar* as afirmações contidas na representação da União dos Creadores de Touros de Lide. Atenta a intenção do tal contestação, quem não conhecer o assunto, achará que s. ex.ª transporta uma enorme bagagem ou argumentos, incontestaveis, sem discussão possivel.

Lendo-a, porém, fica-se verdadeiramente surpreso, porque, contra todas as espectativas, tal bagagem não existia. Não existia, nem nunca existiu, e tudo aquilo é fumo.

Diz o sr. A. M. Pereira que não tem procuração da Sociedade Protectora dos Animais.

Que lastima! Mas não importa, porque v. ex.ª deve ser o fiel reprodutor da forma de vêr daquela Sociedade.

Sou eu muito mais franco, dizendo a s. ex.ª que venho responder-lhe com a mais ampla procuração da U. C. T. L. Usando pois dos largos poderes que aquela procuração me confere, prometo, desde já, não usar do facciosismo seguido por v. ex.ª e por todos os seus ilustres consocios. Diz s. ex.ª que, entre nós, há o instinto de maltratar os animais, instinto este que, lastimavelmente, mais se evidencia nas crianças, pois que apedrejam passaros, destroem ninhos, chicoteiam cavalos, etc.

Destroem ninhos?

Essa é de primeira grandesa!

Que admira que a rapaziada, num gesto inconsciente, destrua os ninhos, se ha um director da Sociedade Protectora dos Animais, que tem por divertimento predilecto matar a tiro os fabricantes dos tais ninhos?

Este não chega a ser de cabo de esquadra, é de policia!

V. ex.ª veio á estacada, muito tarde, é certo, mas sempre veio, atacar as corridas de touros, e tem o cuidado de declarar que não é frequentador do espectaculo.

Não era necessario v. ex.ª dizê-lo, pois, para se chegar a essa conclusão, basta que qualquer pessoa leia com um pouco de atenção a contestação de v. ex.ª, que é a descrição mais completa, que tenho visto, do que são as corridas de touros...

Quem nunca tenha visto uma corrida de touros não tem necessidade de assistir a qualquer destes espectaculos, bastando-lhe lêr a descrição que v. ex.ª faz, para das corridas ficar fazendo um juizo tão completo como se as não tivesse visto...

Permita-me v. ex.ª que o felicite pelo seu fino espirito observador, só egualado ao daquele inglês que, de passagem por Madrid, faz á sua querida Meg, por intermedio do n.º 80 do jornal madrileno *Touros y Toreros* de 11 de setembro de 1917, a descrição de uma corrida de touros.

Diz v. ex.ª que o publico, só pelo facto de vêr um touro com a espinha fracturada «que obrigou o animal a andar com as patas dianteiras, arrastando os quadris, riu alvarmente». Esta não lembra ao demonio.

Onde é que v. ex.ª foi descobrir, em que tratado de medicina veterinaria v. ex.ª viu escrita uma calinada desta ordem?

Como pode um animal, seja de que especie fôr, fazer a mais pequena tentativa de locomoção, quando tenha sofrido uma fractura completa da espinha?

Esta nem de policia chega a ser...

No que diz respeito ás corridas de touros em Espanha, que s. ex.ª confessa não ter visto ainda, aconselho-o a que, em logar de fazer a sua descrição baseada certamente na do tal inglês a que acima me referi, pois só aquela podia ser a fonte onde s. ex.ª foi colher tão viva e acertada narrativa, v. ex.ª deite mão do livro «Viajem na Espanha» de que é autor o exm.º sr. conselheiro Anselmo de Andrade, e, a paginas 51, encontrará a descrição e ao mesmo tempo a apreciação, que bem se pode chamar opinião, do que é uma corrida de touros em Espanha, feita por forma tal e denotando um tal espirito de observação, que só um homem altamente superior, como é o conselheiro Anselmo de Andrade, a podia fazer.

Leia v. ex.ª o livro a que me acabo de referir, e diga-nos depois se são só os barbaros e selvagens creadores de touros os apologistas das corridas com touros de morte.

Como parto do principio, aliás exacto, de que, v. ex.ª e os seus consocios, só por dever de oficio se opõem á realização das corridas á espanhola (opõem não, protestam, porque, para se oporem, era necessario que fossem alguma coisa cá neste mundo) ou á portuguesa, com touros de morte ou sem eles, e neste caso v. ex.as não se darão ao incomodo de procurar o livro referido, eu deste logar peço ao Ilustre Autor licença para transcrever alguns periodos do capitulo «Corrida de Touros» e v. ex.ª não ficará na ignorancia de uma das muitas passagens interessantes daquele belo volume.

A paginas 65:

«Tem ainda um futuro de largos anos este espectaculo, que não merece por certo a condenação de estupido e de selvagem, escrita pela Europa no seu libelo injusto e leviano.

As multidões atendem menos do que se pensa ao sangue e á carnificina. São coisas secundarias. O que o hespanhol procura principalmente nos episodios da corrida é a agilidade, a destreza, os feitos de coragem e de valor.

E' isso o que mais se aplaude.

Assim a corrida de touros, longe de preverter, faz caracteres energicos e prepara para lutas fortes.

As melhores qualidades do povo romano foram sustentadas pelo espectaculo dos combates. O circo era uma escola de coragem, onde o gladiador era o exemplo. As fartas qualidades do hespanhol são tambem conservadas talvez em parte por estes espectaculos do sangue frio, da audacia, da agilidade, do heroismo e do desprezo da morte, que retemperam o vigor num povo, que em meio da temperatura deprimente do meio-dia, e da educação mais deprimente ainda dos frades, soube vencer, nas horas mais amarguradas da sua vida nacional, as maiores provações.

Todos chamam barbaro a este espectaculo. E' barbaro sim. Ha, porem, em todo o homem uma porção maior ou menor de selvageria (isto agora é com os rapazes dos ninhos e com os caçadores...) que justifica as corridas de touros.

Aquela *lascivia di sangre*, de que falava o Dante, não é propriamente italiana nem hespanhola.

E' de todo o homem, de todo o europeu, de todo o civilizado, que as anemias, as nevroses ou as educações sentimentais não tenham separado ainda completamente da natureza.

O temperamento, os nervos e as opiniões podem sofrer, e podem-se revoltar mesmo contra os espectaculos, mais ou menos sanguinolentos, da luta e da morte.

Contudo o instinto, a curiosidade, a emoção, o espectaculo das tragedias palpaveis, a fascinação do perigo, os triunfos da coragem e a voluptuesidade das sensações fortes levam á praça de touros uma nação inteira, formada com as almas mais generosas da terra, como arrastavam antigamente aos circos a melhor parte do mundo, e como ainda hoje fazem reunir multidões ou curiosos á roda dos cadafalsos, nos centros de mais adeantada civilização e de melhor cultura espiritual».

Ex.mo sr. A. M. Pereira, que diz a isto?

Mas, admitindo ainda que a União dos Creadores tivesse pedido as corridas á espanhola, tal qual elas são, e para contestar o sentimentalismo de que v. ex.ª e os seus consocios fazem grande alarde, quando se fala em touros de morte, unicamente para que possa haver uma razão de ser da existencia da Protectora dos Animais, e ainda para mostrarem, com estas suas manifestações de protesto, que algum caso fazem dos animais de aqueles a quem v. ex.as tinham moralmente obrigação de dispensar protecção e auxilio, chamo a muito esclarecida atenção de v. ex.ª para este outro periodo do precioso livro do ex.mo sr. conselheiro Anselmo de Andrade, que v. ex.ª pode lêr a paginas 60:

«Na Espanha é este o destino comum de todos os cavalos (as corridas de touros).

Qualquer que tenha sido o seu passado, brilhante ou obscuro, regalado ou penoso, o futuro deles é quasi sempre a morte nas armas do touro.

Muitos tiveram talvez um nome celebre no *sport*, ou trotaram garbosos e admirados no passeio aristocratico do Parque, ou na Castelhana, mas depois vem sempre a sua má hora da decadencia.

Passam pelo purgatorio dos trens de aluguer e das carroças de onde saem sem carne, sem força, quasi sem vida, magros, extenuados e completamente inuteis. Depois, ou assim esgotados e consumidos, mudam-se para as praças de touros, onde pouco mais chega do que o esqueleto tropego, asqueroso, decrepito e cambaleando de fome, de contusões, de feridas, de velhice, de brutalidade e de aleijões.

O martirio dos pobres animais não começa, como geralmente se diz, nesse quarto de hora. Pelo contrario, acaba. A haste nua de um touro metida dentro da barriga daqueles pobres cavalos, como um punhal dentro de uma bainha, é sempre um golpe de misericordia».

Diz v. ex.ª ainda, que compreende muito bem a ingenuidade com que a União dos Criadores diz não desejar a morte dos cavalos.

V. ex.ª, que declara vir contestar as afirmações desta União, é porque leu a nossa representação.

Se a leu e a reteve na memoria, deve estar lembrado que pedimos corridas á hespanhola como se fazem no sul da França, e v. ex.ª estou certo não ignora que naquele país, embora a lide seja feita á hespanhola, não ha cavalos furados ou mortos, e que portanto outro tanto sucederia em Portugal.

No capitulo «caçador» é que eu esperava que v. ex.ª se alargasse em mais e melhores considerações, e para dizer tão pouco, mais valera não ter dito nada.

Então o exercicio da caça é necessario para o seu completo exterminio e não é um espectaculo publico?

Isto dito e escrito por um socio da Sociedade Protectora dos Animais tem a sua graça e não deve estar certo. Se é necessario o exterminio da caça, para que temos nós uma lei protectora que lhe dá uns meses de defezo a fim de se multiplicarem e crescerem?

Para que tem essa lei fortes penalidades para os delinquentes?

Se a caça não é um espectaculo publico, como classificará v. ex.ª os torneios de tiro aos pombos, para as quais as entradas são na generalidade sempre pagas?

Os pombos serão tambem caça que seja necessario exterminar?

A respeito do decreto 2:700, que por sinal é uma portaria, diz v. ex.ª que parece que por causa da palavra «domesticos» ele se não pode aplicar aos touros.

Se ele não se pode aplicar aos touros, para que tem a P. A. tantas vezes usado e abusado da referida portaria.

Então só agora é que lhe parece que aquela portaria nada tem que ver com as corridas de touros de morte ou de vida?

Ha mais de um ano que eu estou a dizer isso mesmo, e regosijo-me por v. ex.ª, embora tardiamente, terem chegado a sua conclusão.

Levou um certo tempo, mas foi. Ora ainda bem que v. ex.as confessa que não ha diploma algum que proiba as corridas de touros, á portuguesa, á espanhola, e até, se quizerem, á francesa.

No que v. ex.ª se refere á filantropia dos lavradores, querendo maldosamente insinuar que eles, alegando toda a má situação em que se encontram todas as instituições de caridade, querem, á sombra daquela mais que verdadeira afirmação, fazer o seu negocio, meu caro senhor, isso não é correcto, e a União dos Creadores ainda não deu motivo á S. P. A. para que da vossa parte possa haver para com os seus associados menos consideração ou respeito.

Queira v. ex.ª não perder o aprumo que todo o homem educado tem obrigação de ter!

V. ex.ª, lendo o jornal *A Manhã* de 19-7-921, verá como foi irreflectida a sua afirmação e até menos correcto na sua apreciação e comparação, pois que desde que, ponha de parte o seu facciosismo, v. ex.ª tem moralmente a obrigação de confessar que sabe muito bem, que quasi todas as casas de caridade existentes nas provincias vivem quasi exclusivamente do produto das corridas de touros, na enormissima maioria dos casos cedidos gratuitamente pelos seus possuidores, por vezes que v. ex.ª e os seus civilisados consocios alcunham de barbaros e selvagens.

Para não citar mais exemplos, basta referir-me á corrida de touros realizada em 11 do corrente na praça de touros de Santarem, em beneficio do hospital da Golegã, para a qual contribuiram com touros *dados* os ganaderos do concelho e ainda alguns de concelhos diferentes, corrida esta que rendeu a importante quantia de 10.218$70.

Em beneficio do hospital de Santarem, organiza-se, neste momento, outra corrida sob a protecção dos lavradores do distrito que igualmente *dão* os touros todos para esta corrida.

Será isto fazer o nosso negocio?

Os senhores da Protectora, tendo perdido uma bela oportunidade para ficarem calados, como até aqui o teem feito, encontraram uma excelente ocasião para tratarem doutro oficio...

Está, portanto, resolvida a questão dos touros de morte, pois que a Sociedade Protectora dos Animais, pela pena do ex.mo sr. A. M. Pereira, reconhece que não ha legislação alguma em vigor que proiba aqueles espectaculos, e, portanto, vai pôr de parte as suas piegas reclamações, mostrando assim estar em pleno acôrdo com ganaderos e aficionados.

Golegã, 29-6-921.

Pela União dos Creadores de Touros de Lide

José de Vasconcelos

POLITEAMA
Continua em pleno sucesso
O Segredo

VISITAI
A GRANDE EXPOSIÇÃO DE QUADROS
ANTIGOS E MODERNOS
NA
68, RUA DE SERPA PINTO, 70

APOLO Telef. N.-4.129

HOJE — Recita dos autores
ARNALDO LEITE e CARVALHO BARBOSA
com a sua interessantissima fantasia-revista

A VIDA

com 22 deslumbrantissimos quadros, cheios de graciosidade, animação e linda musica no **Quadro do Circo** com clowns, equilibristas, fantoches, patinadores, etc. — Sucesso colossal

NO TEATRO CHIADO TERRASSE

As recitas da moda

Com a revista TIRO AO ALVO!

A primeira serie de brilhantissimos espectaculos que o teatro Chiado Terrasse tem proporcionado ao publico de Lisboa esta epoca, com a galante revista «Tiro ao alvo» termina esta noite nas recitas da moda, dedicadas á nossa sociedade elegante.

Amanhã não ha espectaculo, a fim de se proceder á remodelação completa da revista e á montagem do novo quadro «Romarias» e da nova e sensacional apoteose com que fecha o 1.º acto.

Sabado, a festejada revista reaparecerá em espectaculo inteiro, começando ás 9 1|4 da noite e apresentando-se com todos os seus quadros, numeros novos e varios atractivos.

SÉDE DO "DIARIO DE LISBOA"
Rua Luz-Soriano, 48

Dentes artificiais
BERNARDINO NUNES
Rua da Palma, 40, 1.º

Muito mais baratos, de origem alemã e ::importação directa:: Colocam-se aptos á mastigação, sem despeza de extracção ou ::::::: consulta :::::::

IODONAL
NÃO COMEM, DEVORAM!
TÓNICO PODEROSO PARA CRIANÇAS
Superior ao óleo de bacalhau e emulsões
INDICADO DIARIAMENTE PELOS MÉDICOS ESPECIALISTAS SENHORES DOUTORES: MELO E FARO, LEITE LAGE, SALAZAR DE SOUSA, LEONEL DE MACEDO, ETC.
FARMÁCIA FORMOSINHO
Praça dos Restauradores, 18

EPISTOLARIO

Um sobrinho de Camilo

A. AZEVEDO CASTELO BRANCO

oferece a sua "Lira Meridional"

A ALFREDO GALLIS

pedindo-lhe que a considere uma visita de um antigo amigo

Antonio de Azevedo Castelo Branco, sobrinho do glorioso romancista Camilo Castelo Branco, natural de Vilarinho de Samardan, conseguiu ascender, serenamente, aos mais altos logares sociais. Foi deputado, ministro do reino e da justiça, par do reino, presidente da Camara Municipal de Lisboa, presidente da Camara dos Deputados e da dos Pares, conselheiro de Estado, etc. Pertenceu á celebre geração coimbrã de Antero, Teofilo Braga, João de Deus, Manuel de Arriaga, Santos Valente, Alberto de Sampaio, Severino de Azevedo, Faria e Maia, Alberto Teles, Sousa Vilhena, Rodrigo Veloso, etc.

Aos 45 anos publicou o seu livro de versos *Lyra meridional*, ácerca do qual escreveu na carta dedicatoria a seu tio materno: «Não deixará de extranhar que eu apareça em publico, tão serodiamente, com um livro de versos. Nem eu proprio sei deduzir as suficientes rasões deste facto». No juizo critico de Camilo a este livro, inserto nos *Serões de S. Miguel de Seide* e depois numa rarissima separata de quarenta exemplares, lêem-se estas palavras do Mestre: «... a obra de A. de Azevedo Castello Branco é a identificação de inconsolaveis melancolias a um espirito que se ala com elas aos acumes do Ideal, um ponto altissimo de montanha que se nos figura, por ilusão de miragem, sobranceiro ás desgracas humanas».

A carta é dirigida a Alfredo Gallis, jornalista e romancista muito conhecido pelo pseudonimo de *Rabelais*, autor de varios livros de literatura de costumes publicados sob o titulo geral de *Tuberculose social* e outros de literatura galante, tais como as *Amorosas*, as *Lascivas*, as *Lubricas*, as *Sensuais*, as *Sensações fortes*, etc., livros estes, segundo ouvimos dizer, dos mais procurados na Biblioteca Nacional.

Henrique de Campos Ferreira Lima

Meu caro a.mo

Offereci-lhe em tempo alguns escriptos meus em prosa, e como sei que costuma ler livros de versos, quando lh'os remettem, envio-lhe um que publiquei ha annos e de que ninguem já se lembra.
Sem vaidade litteraria tenho algum amor a este livro, porque não me surgiu da fantasia, mas sim da memoria saudosa de scenas «vividas». E' claro que lhe offereço este exemplar, não para que dê publicidade ao offerecimento no seu jornal, mas para que o repute como uma visita de um amigo antigo, visto que já não sou o que fui, quando tinha no coração vivos os sentimentos, que ahi vão empalhados n'algumas estrofes.

Creia-me sempre

10/12/96

De V. Ex.a A.m e Obg.a

A. d'Azev. C. Branco

Telefone C. 3033 — End. Tel. «SOURA»

SOUZA, MOURA & C.A, L.DA

CASA BANCÁRIA
103, RUA AUREA, 105
LISBOA

COMPRA E VENDA DE MOEDAS, NOTAS ESTRANGEIRAS, PAPEIS DE CRÉDITO, ORDENS DE BOLSA, CHEQUES SOBRE AS PRINCIPAIS PRAÇAS DO PAÍS E ESTRANGEIRO. DEPOSITOS Á ORDEM E A PRASO. TODAS AS TRANSACÇÕES BANCARIAS

TITULOS E COUPONS
NACIONAIS E ESTRANGEIROS
COUPONS Brasileiros, Argentinos e Chilenos
Compram desde já aos melhores preços
Pancada, Morais & C.ª
Rua Augusta, 37 (esquina da R. de S. Julião)

AVENIDA ás 21,15

O Papão

Grande sucesso de gargalhada

O "raid" aereo ao Brasil

TODAS AS SUAS "ÉTAPES" NO CINEMA CONDES

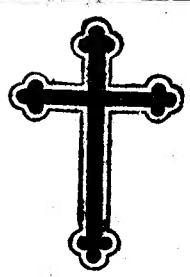
O entusiasmo do nosso povo pelo *raid* aereo ao Brasil, a extraordinaria proeza dos nossos aviadores, não arrefeceu ainda. E' o que se prova todas as noites com a extraordinaria afluencia aos cinemas onde se está exibindo um magnifico *film* com todas as peripecias da grande aventura de Gago Coutinho e Sacadura Cabral, o Condes, o Coliseu e o Salão Central. No Cinema Condes, onde ámanhã se realisa uma sensacional estreia, o programa é completado pelos *Tres mosqueteiros*, que vai no seu 4.º capitulo, e a *França pitoresca*, belo *film* de paisagens e costumes que equivale a uma interessante viagem atravez da França na comodidade de um *fauteuil* de teatro.

Saraiva, Costa & Santos, L.da
COM OURIVESARIA E JOALHARIA NA
Rua Eugenio dos Santos, 44
(Vulgo Portas de Santo Antão)

Compram prata, ouro e pedras preciosas pelo melhor preço do mercado.

Tambem compram cautelas dos Monte-Pios por maior que seja o seu valor.

AVIÃO
AZUL COR DO CEU DE PORTUGAL
FOI HOJE POSTO Á VENDA
3.ª EDIÇÃO 3.ª
IMPRESSA A AZUL DO JÁ CELEBRE, GRACIOSO E ENGENHOSO
Hidro-avião "LUSITANIA"
CONSTRUÇÃO DO
ABC
zinho
Á VENDA EM TODA A PARTE
Pedidos ao A B C
65, RUA DO ALECRIM, 65



ANTONIO VELOSO

R. I. P.

CONFORTADO COM OS SACRAMENTOS DA IGREJA

Julião d'Andrade Veloso, Adelia d'Andrade Veloso Xavier da Silva, seu marido e filha; Maria Olinda d'Andrade Veloso e seus filhos, Elvira d'Andrade Veloso Batalha, seu marido e filhos, Dorothea d'Andrade Veloso Moreau e seu marido, Antonio d'Andrade Veloso, sua mulher e filho, João d'Andrade Veloso e sua mulher participam o falecimento de seu chorado pai, sogro e avô no dia 4 e que o funeral se realizou no dia 5 em Setubal.

Não se fizeram convites especiais por determinação do finado.

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

Chá das cinco

Saudade

Saudade luz velada
Por stors de mousselina
Numa alcova perfumada,
Luz velada e pequenina.

Aspectos duma ruina,
Catedral arruinada,
Onde a musica em sordina,
E' lembrança soluçada.

Saudade é como um rio,
Maguas ao desafio
Que não findam de passar.

Ter saudades é esperança.
«Quem espera sempre alcança»
Inda espero de alcançar

A Saudade é como a hera
num velho muro desfeito.
A saudade é quiméra
que trago dentro do peito.

A saudade é como aza,
que já não pode voar.
A Saudade é uma braza
entre cinzas a brilhar.

A Sandade é uma sombra,
que se espalha sobre nós,
que nos isola entre gente
e acompanha estando sós.

Saudade triste ruina,
saudade evocações,
onde o passado lê a sina
nos olhos das ilusões.

Saudade portuguesa,
nascida á beira do mar
teve por mãe a tristeza
e foi seu pai o luar.

Saudade luz acesa
na cabeceira a um doente,
saudade portuguesa
daquilo que a gente sente!

Antonio de Bourbon.

ROUBOS IMPORTANTES

Apresentaram queixas á policia: Beatriz mes Pereira, avenida Duque de Loulé, a quem, por arrombamento, subtrairam roupas e outros objectos, no valor de 1.798 escudos; Manuel Antonio Ribeiro, de Leiria, de passagem em Lisboa, que, transitando num carro electrico, ficou sem o relogio, medalhas e corrente de ouro, no valor de 1.050 escudos, e Helena Pires, rua Pascoal de Melo, 14, a quem por meio de arrombamento subtrairam varios objectos no valor de 800 escudos.

Os trabalhos oceanograficos

nas costas de Moçambique

Os trabalhos oceanograficos e biologicos que, como a imprensa noticiou, vão ser feitos nas costas de Moçambique, são a continuação de estudos há tempo realizados e que houve agora necessidade de recomeçar, em vista de reclamações dirigidas ao alto comissario contra o exercicio de redes de arrasto, com o fundamento de concorrerem para o despovoamento das aguas que banham a provincia.

Empregados dos palacios

Os serventuarios dos palacios nacionais procuraram os srs. ministro das finanças e director geral da fazenda publica, para agradecer o aumento de vencimentos que lhes vai ser concedida.

Café Restaurant Roma

(Antiga Flôr de S. Roque)

100 — RUA DO MUNDO — 104

Optimo serviço á lista.

Almoços e jantares de mesa redonda.

Fornece serviços completos de «lunchs», jantares e «soirées», etc.—Excelentes gabinetes.—Telefone 4:520-Norte.

——Preços sem competencia——

O CONGRESSO BEIRÃO

A excursão a Louzã

e as impressões do nosso enviado especial

A viagem—A chegada a Miranda do Corvo—A entrada triunfal na Louzã—A ida para a Serra

A abalada foi ás 8 horas da manhã, comboio cheio, embandeirada a locomotiva, para Louzã. Apareceu tudo. Não tivemos manifestação no bota-fóra. Coimbra que, com tanto vigor é reclamada como capital das Beiras, dormia ainda o seu sono e o seu entusiasmo pelo Congresso.

Logo que o casario passou e os barracões sujos que empanam a beira-rio do Mondego, deixando entrever a cumiada fresca de tintas da manhã, ceu de nuvens despenteadas, a paisagem abriu o seu leque de varetas e expuz-me á portinhola. O choupo era triste; chovia; o cerro subia profundamente sereno, numa luz velada, como se o seu rosto estivesse marcado de lagrimas. Atravessamos uma ponte, a da Portela; logo o Mondego, com suas insuas enxutas de agua e pégos extensos que a trança das aguas, ensombra, apareceu fugosamente, num cumprimento leve. Quem vai comigo são os jornalistas, o presidente da Associação Academica, Fernandes Martins, e mais algumas criaturas, destas criaturas que aparecem em toda a parte e que, não sei porque bulas, se dizem de letra redonda. Um deles, ontem, produziu ingramaticalmente varias considerações politicas num jantar oferecido á imprensa. Tivemos de declarar: os jornalistas, na sua profissão, não são politicos, cuvem as opiniões politicas dos outros.

* * *

Mas vamos á excursão. Meia hora depois estavamos em Miranda do Corvo. A estação embandeirou fortemente; queimaram-se morteiros, sete musicos perfizeram a orquestra. Vivas á Patria, ás Beiras, ao Congresso. Como só havia uma banda e Miranda do Corvo queria ter duas para saudar o comboio dos congressistas, os musicos, como nos teatros quando ha poucos figurantes, logo que o comboio apitou, vieram-se colocar do lado opposto onde tinham estado. A «Portuguesa» foi selene em suas notas, marcada a compasso pelo pé dos executantes.

Miranda do Corvo, no entanto, recebeu-nos lindamente. Todos diziam: começa a palpitar o coração das Beiras. Agora, sim...

O Mondego ficou para traz descansando entre a sua paisagem de balada, fresca e indecisa de côr. Suavemente fez-se a transição. Os vales curvaram-se, a montanha subiu garganteada de rochas, os tuneis de instante a instante sucediam-se, e nós estavamos já na serra. Havia courelas, tratos de terreno onde o milho é ainda verde e ainda não tem bandeira. Coteavam aguas invisiveis. A terra era de surpreza, aliada a preceito, entre os montes, no cimo e nas encostas, pouzios de pinheiros, rochedos. Divisamos quilometros andados, as montanhas fortes da Louzã. Todas azues, mantilhadas de nevoas, uma nota branca: uma casa; uma nota escura: um pinheiral. E aquilo ondulava, crescia, pincaros mais altos tateando o céu, como novelos de lã esfiados que eram as grandes altitudes.

Uma curva e a vila transbordou as suas casas sobre a linha ferrea. Logo de três janelas, com três colchas de procissão, entrou voando a lençaria branca do sêde bem-vindos!

Pisámos a terra em Louzã, com a filarmonica á frente, seu estandarte e suas autoridades. A vila tinha vestido camisa lavada e cada janela estava cheia de sorrisos. Pisavamos flôres; o aeroplano de saudação descia baixo, cada vez mais baixo.

Cada um de nós se sentiu pelo menos ministro.

Os de Lisboa repararam logo nas raparigas. A proporção de beleza está aqui fixada para mais, no todo. Por todas as janelas nos aparecem rostos frescos da serra. Não havia bureis, havia sêdas; não havia olheiras, havia lindas côres, como as côres das rosas que a tarde abre e a noite fecha, nos montes, sem zangas, fresquinhas e novas.

Nos Paços do Concelho houve o tradicional discurso, ovacionado em bastantes fragmentos.

Quando saímos, uma chuva de pétalas molhou-nos os cabelos. Havia colchas por toda a parte, as ramagens, em sêda de brocado de oiro. As meninas de Louzã que, sem sofrerem da molestia da moda, a sabem usar com nobreza, aparatosamente em capitulo de doçaria, ofereceram-nos um *pequeno almoço*—rezava assim no convite. O Serra Ribeiro gastou a maior parte dos seus clichés em fotografias femininas. Vi um grupo formado para a objectiva. Vinte ou trinta raparigas, lindamente vestidas, cada uma a pedir sete mil versos de amor. Só turvava e pouco o conjunto, mas mesmo esse, se lhe tinha fugido o encanto da face, encontrar-se-hia no fundo das pupilas. Deduz-se que não houve declarações de amor.

* * *

Partimos então de automovel para a serra. O tempo não animou.

A estrada, cortando a montanha, circulando-a, sempre subindo, preparando as curvas, ajudava-nos a ver o panorama. Uma montanha muito alta, de pouco declive, logo outra, outra a seguir, mais ainda, cinzentas, de rochas em escantilhão. A cultura é toda feita com muros de suporte, degraus que sobem para a serra, para Deus, porque Deus está lá no alto, conversando com os pastores, e mesmo porque a luz, que é feita de nuvens, cinzenta e baça, lembra a das catedrais nas grandes horas de vigilia e de sonho; sobre suas lages eu paro ajoelhado, rezando.

Subimos sempre; as serras já eram mais altas, os vales mais apertados. Uma povoação surgiu, o Comeal. Suas casas são de pedra sem reboco; lá não vai o pastor de almas, queixaram-se; quando é de inverno e a serra é tragica, e feroz, e amaldiçôa com todas as suas vozes que são gritos, a agua inunda os cardenhos e devasta os milheirais.

Os excursionistas iam em varios automoveis e camions. Mercê da manobra, a imprensa de Lisboa ficou com o melhor. A' frente do nosso caminhava o das senhoras, ronceiramente, enchendo-nos gloriosamente de pó. Iamos já sujos, patinados de negro, irreconheciveis. O meu fato de trezentos mil réis pensou com saudade em ser utilizado numa limpeza de chaminé. Ficaria mais aceado. Delicadamente os do meu carro sinalavam o inconveniente. Qual historia!

As senhoras eram lindas e transformaram a capota numa «corbeille» de flôres; distribuiram-nos abundantemente aquele polen da serra. A certa altura, apezar da estrada ser muito apertada, torcicolada, dificil para o volante, o nosso caiu no das senhoras, deslocando-o para o lado e passando. As senhoras gritaram, todos aqueles rostos se encheram de gravidade como perante um crime sem nome.

Mas já a serra, em grandes filamentos de nuvens que pareciam fumo, mesmo sobre nós, nos buscava admiração em palavras. Milho, muito milho, o campo todo em retalhos. A Senhora da Piedade, que é uma linda ermida branca e com degraus, ficava em baixo, no mais baixo do vale, tão estreito como uma fita de nastro. Ao lado, um torreão esquecido. Comeal, povoação já da serra, tambem em festa, tambem com raparigas, mas estas de campo, e moinhos e louros como novilhos de S. João, viu-nos passar em relampago. Ganhamos o mais alto da serra, até onde a estrada era impraticavel. Acenamos, fazendo paz, com os nossos lenços, ás senhoras que vinham muito atraz, separadas de nós por um vale, numa estrada arabescada na serra fronteiriça. De lá ninguem nos respondeu!

Chegámos; 1.000 metros de altitude, ou a serra toda á vista, um panorama que tem de ser infalivelmente espectaculo soberbo. Lá estavam os srs. ministro da agricultura, Alvaro

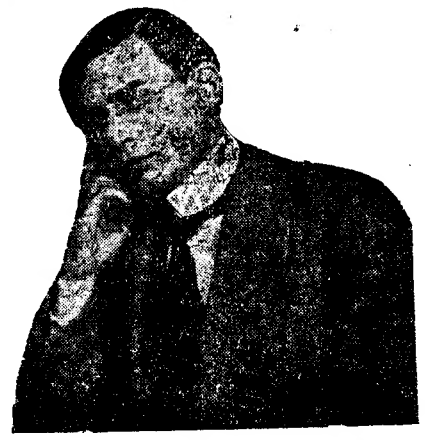
(Vêr continuação na 8.ª pagina).

Os Teatros

A revista «Valha-nos isso!...»

E' hoje que se realiza no teatro Gil Vicente, á Graça, a primeira representação duma interessante revista intitulada «Valha-nos isso!...» original do nosso distincto colega do «Diario de Noticias» Victor Machado.

«Valha-nos isso!...» contem novidades e atracções que muito devem agradar ao publico. O seu autor aprecia com



Victor Machado

espirito e leveza os principais acontecimentos da nossa politica.

Victor Machado, já experimentado no genero, terá prazer de obter esta noite mais um entusiastico triunfo.

Lucilia Simões no Brasil

A companhia dramatica Lucilia Simões que se estreou brilhantemente no Rio de Janeiro com a peça «Mulher sem importancia», levou á scena no dia 1 do mês passado a comedia «Zázá». O jornal «O País», daquela cidade, ocupa-se dessa representação, da seguinte forma:

Tantos anos passaram-se sobre as ultimas representações da «Zázá», aqui no Rio, que o espectaculo de ontem no Palacio-Theatro foi, para a maioria da assistencia, composta de gente moça, uma «première». Peça consagrada por um exito mundial e que entrou no repertorio das grandes actrizes não ha mais que lhe fazer apreciações. Podia ter envelhecido, mas ela apareceu na época em que se acentuavam fortemente as tendencias para o teatro de observação. vivido, humano, e não tem sido tão acelerada a evolução que fizesse encontrar já sintomas de decrepitude na peça de Berton. Ela é, ainda, e muito de hoje.

Falando da interpretação, o mesmo jornal aprecia o trabalho de Lucilia Simões e dos restantes artistas:

Lucilia é maravilhosa de verdade na expressão e no detalhe. A sobriedade de processos tornam-na uma artista estranha para um certo publico habituado a enfaticas declamações, que fica algo surprecndido ao sentir tanta emoção, naquele comunicativo sentimento sem «ficelles». Em Lucilia a «Zázá», verdadeira e humana, vive a sua acidentada vida de alegrias e de dor.

Erico Braga foi um bom interprete do Dufresne, jogando a grande scena do quarto, com Lucilia, á sua altura.

O Caseart esteve a cargo de Ribeiro Lopes, que o desempenhou inteligentemente.

A Anais, a celebre mamã de Zázá, estava confiada a Lucinda Simões. Nada é possivel dizer, a mais do que já se tem dito sobre a perfeição a que chegou a grande mestra do teatro português.

Em menores papeis distinguiram-se Brunilde Caruson e Georgina Cordeiro.

Debusson, o velho apaixonado de «Zázá», pintado a decrepito, teve em Calazans feliz desempenho.

Aos restantes artistas tambem louvores pelo afinado «ensemble».

Atrás do reposteiro

Um grupo de amigos, toda a roda enorme de amigos do escritor e humem de teatro que é Lino Ferreira, pensa em promover-lhe uma festa de homenagem ao seu caracter, á sua dedicação pelo teatro, ao seu auxilio a muitos artistas, á sua verve, ao seu espirito e á sua honradez.

—E' a seguinte a distribuição do quadro novo, «Romarias», com que vai ser amplada a revista «Tiro ao alvo» no Chiado-Terrasse, o qual, desde sabado, passará a ter uma só sessão e uma nova apoteose: «Valente Rocha» (compére) Silvestre Alegrim; «Mordomo», Armando Ferreira; «Irmão», Santos Carvalho»; «Juiz», Jaime Zenoglio; «Virgem» Dina Pereira; «1.º Varapau», Rosa Mateus; «2.º Varapau», Antonio Rosa; «Promessa», Julieta Rodrigues; «Conversado», João Silva; «Conversada», Maria de Lourdes Cabral; «Chuva de oiro», Moreira Cruz; «Chuva de prata», Angelita Gonçalves; «Estalo», Maria Odette; «Valverde», Milly Portela; «Fogaça» Judith de Sousa e «Registo», Izaura Rocha.

—Parece que o teatro Salão Foz será explorado em epocas seguintes com uma companhia de que será emprezario o actor Otelo de Carvalho, ao qual se associará a distinta actriz Beatriz de Almeida.

POLITEAMA Hoje, **O Segredo**—Brevemente: **A Rival**, com PALMIRA BASTOS e AMELIA REY COLAÇO

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

UMA NOVA ACTRIZ

EMILIA FERNANDES

termina no proximo domingo o curso

Uma entrevista em que o entrevistador fala mais do que a entrevistada

D. Emilia Fernandes, uma das mais talentosas alunas do Conservatorio, termina no proximo domingo o seu curso, prestando provas publicas no teatro Nacional.

Vamos ter mais uma actriz, e de valor. D. Emilia Fernandes abraça a carreira teatral dominada por um sentimento artistico que avassala a sua alma, o seu espirito e os seus nervos. Possue a paixão do teatro e ha-de ser alguem no teatro. Artista por temperamento, todos os seus professores lhe reconhecem meritos invulgares.

D. Emilia Fernandes, procurada ontem pelo jornalista, foi amavel, foi gentil, mas não quiz falar de si. Nem mesmo a instancias de

Emilia Fernandes

seu pai, o nosso presado colega Eduardo Fernandes (Esculapio) que, conhecendo bem as exigencias do jornalismo, pretendeu convencê-la a dar-nos uma entrevista.

Que não, que parecia mal, que lhe chamariam vaidosa... E os seus olhos inteligentes riram significativamente.

— Minha senhora, presentemente falar de nós proprios só é vituperio no ditado...

— Mas como quasi toda a gente acredita ainda nos ditados...

— A sabedoria das nações já não é a mesma de ha quarenta anos. Foi reformada. Hoje em dia só não falam de si os mudos...

—Mas o que deseja que lhe diga? Que adoro o teatro, que me sinto atraida pela vida da ribalta...

—E pelos triunfos que a esperam...

—Oh! Isso ás vezes é um engano!

—Não para mim, que já tive a felicidade de ouvi-la declamar.

—Contenta-se com pouco, na verdade.

—Considera elogio em propria boca dizer-me quais os principais papeis que tem interpretado.

—Ah! Isso não. O primeiro foi a «Maria» da «Casa da Boneca». Depois «A Castro», a «Madalena» do «Frei Luís de Sousa», a «Soror Inês» das «Rosas de todo o ano», a «Genoveva» dos «Dois Mundos» e varios outros de Gil Vicente.

—Qual é o genero de teatro que prefere?

—A tragedia e o drama.

—Disseram-me em tempos que se dedicaria á opereta?

—Não penso em tal.

—Mas tem uma excelente voz e aprendeu canto.

—Sim. Fui discipula de D. Francisco de Sousa Coutinho.

—Que lhe faz excelentes referencias.

—E' bom saber um pouco de tudo.

A nossa entrevistada pede-nos para expressarmos bem a sua gratidão para com a Escola de Arte de Representar, pela maneira gentilissima como sempre foi tradada.

D. Emilia Fernandes nada mais quiz declarar. Mas não conseguiu com a sua teimosia delicada, e até certo ponto louvavel, que eu não declare aos leitores do *Diario de Lisboa* que a futura actriz é senhora dum autentico talento que, aliado á sua formosura, conquistará pela vida fora a admiração de toda a gente.

UM INVENTO PORTUGUÊS

A T. S. F.

Porque não manda o governo

O TENENTE-CORONEL SCHIAPPA MONTEIRO

á exposição do Rio de Janeiro?

O «Diario de Lisboa» ouve o capitão sr. Celestino Soares e o inventor

A vida do empregado da telegrafia sem fios era até agora uma coisa torturante. Passar horas e horas, com o auscultador encaixado na cabeça, ouvindo comunicações das mais variadas terras, e ter de destrinçar, de entre elas, as que lhe dizem respeito, devem concordar que não é das tarefas menos arduas e fatigantes. Depois, ás vezes, o empregado está tempos e tempos sem receber comunicação...

Um português, o tenente-coronel de engenharia sr. Artur Rocha Monteiro de Carvalho, ha muitos anos que começou trabalhando, no sentido de evitar essa perda de tempo e de esforço. Depois de muito trabalho, construiu o seu aparelho e fez ontem a experiencia dele, perante o elemento oficial.

Na rua dos Douradores, fômos hoje encontrar o sabio oficial, com o capitão sr. José Xavier de Velasco Celestino Soares, um apaixonado pela T. S. F.

Interrogámo-lo:

—Ha muito tempo que inventou o seu aparelho?

—Ha sete anos.

—E porque só o construiu agora?

—Tive que o fazer pouco a pouco. Mandei fabricar as peças, uma a uma, ao sr. Ramiro da Fonseca, que aqui está presente. Saiu-me aquilo um bocado caro.

—Que materias entram no aparelho?

—Ferro, latão, prata e ebonite. Ofereci-me ao governo para o instalar em todos os postos que ele ordene.

—Porque não o leva á exposição do Rio de Janeiro?

—Isso é com o governo...

* * *

O capitão sr. Celestino Soares:

—Ha muito que no estrangeiro se andava estudando o assunto, nada conseguindo de pratico.

—Vantagens do aparelho?

—O empregado não tem que estar esperando, com o auscultador na cabeça. Quando queremos transmitir qualquer comunicação, basta fazer um sinal com o *Morse*, que só a estação de recepção recebe. Imediatamente dá lá o alarme e a transmissão faz-se..

—E quando se trata dum S. O. S. (designação que corresponde a um pedido de socorro—abreviatura do *salvemos as nossas almas!*, em inglês)?

—Faz-se um sinal comum, e todas as estações recebem a comunicação,

—Na sua opinião...

—O invento do tenente-coronel sr. Schiappa Monteiro veiu revolucionar por completo a telegrafia sem fios... E' de esperar, mesmo, que Portugal, pela situação geografica que ocupa, venha, dentro em pouco, a desempenhar um papel importantissimo nas ligações entre a Europa e a America, ao contrario do que actualmente se dá...

Depois, o sr. Celestino Soares põe a funcionar dois aparelhos de T. S. F. que ali tem instalados.

Encaixámos o auscultador na cabeça e ouvimos distintamente Monsanto a transmitir:

—Traço, ponto, ponto, ponto, traço...

Canhoneira «Ibo»

O comandante da canhoneira «Ibo», surta em Teneriffe, comunicou ao ministerio da Marinha que está envidando todos os esforços, no sentido de poder levar o navio quanto antes, até ao Funchal, concluindo neste porto as reparações que está sofrendo.

NOTA FINANCEIRA

Excepcionalmente faço hoje uma rectificação. Na *cronica financeira* publicada na segunda-feira, 3 do corrente, ao apreciarmos o artigo do *Decreto sobre comercio de cambios* em que se proíbe o emprego de capitais portugueses em titulos *não* cotados nas bolsas de Lisboa e Porto, o ultimo periodo saiu assim:

«*O accionista não pode negociar o certificado, porque, casos ha em que a empreza estrangeira se opõe, seja pelas condições estatutarias, seja pelas condições da subscrição a que se vender o seu papel enquanto não subscrito.*»

Quem leu as palavras e reciocinios que precediam esse periodo terá feito, com certeza, a rectificação.

Em todo o caso queremos rectificar. Foi assim que escrevemos:

«*O accionista não pode negociar o certificado, porque, casos ha em que a empreza estrangeira se opõe, seja pelas condições estatutarias seja pelas condições da subscrição* **a que se venda o seu papel enquanto não fôr integralisado.**»

O que se publicou era um manifesto disparate que, aos leitores desta secção, não podia passar despercebido.

***

As rectificações, além do inconveniente de nunca serem lidas pelas pessoas que leram o que se quere rectificar, teem ainda est'outro defeito: tomarem o espaço a materia nova.

Deste defeito deriva nós não concluirmos hoje a apreciação ao decreto sobre comercio de cambios. Como o espaço naturalmente marcado a essa *Nova* não poderia conter tudo o que ha ainda a dizer propriamente sobre as *Bolsas de Cambios*, que o decreto criou, contentar-nos-hemos hoje com um assunto bem importante, mas que demanda menos linhas: O volume dos depositos bancarios.

Aqui se tem assinalado o decrescimento dos depositos bancarios, e se indicou esse fenomeno como a causa da taxa de juro se não poder baixar na nossa praça.

Já dissemos tambem que em Inglaterra os depositos aumentaram e por isso a taxa de juro diminuiu no Reino Unido.

Mas concretisemos.

Sabem os leitores qual foi a proporção em que os depositos aumentaram na Inglaterra desde 1921 para cá?

58 0|0 !!!

Cincoenta e oito por cento.

Em Portugal sabem qual a proporção da diminuição de depositos?

De 1921 para cá: 20 0|0 (vinte por cento).

Isto indica que a Inglaterra está com um diluvio de oiro e que, portanto, se encontra nos casos de baratear a materia circulante, desde que a tem em abundancia.

Emquanto que em Portugal, a falta de materia circulante, assim exposta—20 0|0 menos de depositos do que em 1921—determina logicamente a inalterabilidade da taxa de juro, até agora...

Até agora, porque não sabemos se, a acentuar-se a actual situação, a taxa de juro não terá de ser elevada.

CAMBIOS

Dia 6

	Comprador	Vendedor
Libra esterlina	66$500	68$500
Londres, cheque	32 7/32	3 27/32
» 90 d. v.	3 7/8	—
Rio Londres	7 1/2	—
Paris	1$140	1$155
Italia	645	653
Bélgica	1$035	1$100
Suiça	2$675	2$700
Espanha	2$190	2$215
Berlim	$030	$033
Holanda	5$430	5$480
Nova-York	14$800	14$170
Austria	—	—
T. Desc. Banco de Inglaterra	—	—
» » » Portugal	—	—
Ágio do ouro	1.300	1.400

A ACTUAL POLITICA

O PARTIDO LIBERAL

e a Guarda Nacional Republicana

O "Diario de Lisboa" entrevista o "leader" dos liberais, sr. Jorge Nunes

Houve quem atribuisse ao sr. Jorge Nunes, parlamentar dos mais distintos, politico de mãos limpas e pessoa de bom caracter, animadversão contra a oficialidade da G. N. R.

Foi quando da ultima reunião do Congresso. A proposito duma frase ouvida por um dos nossos redactores, bordou-se nestas colunas uma entrevista que tinha interesse jornalistico e que ainda continua a tê-lo, visto que o sr. Jorge Nunes nos disse ontem de sua justiça, pondo as coisas no seu logar.

O jornalista e o politico passeavam nos Passos Perdidos.

O jornalista interrogou:

—É certo que a G. N. R. está descontente com o Partido Liberal?

O politico respondeu:

—Nada mais fantasioso. O partido de que faço parte não atacou a G. N. R.

—Mas uma frase sua...

—Não pronunciei nenhuma frase desprimorosa para aquela corporação, que muito considero.

—Nesse caso...

—Nesse caso vou explicar-lhe o que se passou. A Camara dos Deputados diminuiu no respectivo orçamento verbas destinadas á construção de quarteis, aquisição de gazolina e compra de mobiliario. O Senado, por sua vez, reduziu ainda mais essas verbas. O Congresso reuniu para resolver em ultima instancia e eu aprovei as emendas do Senado. Só isto. Como vê, não se tratou da situação material dos oficiais e praças da G. N. R. que eu reconheço digna da maior atenção. E nem mesmo falei em nome do partido, mas sim pessoalmente.

A campainha retiniu nos Passos Perdidos chamando os parlamentares para uma votação. Fim da entrevista.

Ordem publica

Não tem havido nada de anormal. Ainda continuam detidos os srs. Pinto da Cruz e José Afonso Chedas.

O processo do sr. Velhinho Correia

Vai ser arquivado?

O juiz sr. dr. Ribeiro Castanho, auditor do 1.º Tribunal Militar, foi do parecer que o auto do major sr. Velhinho Correia, em que é acusado, nos termos do artigo 39, n.º 2.º, de ter divulgado a existencia de documentos secretos, seja arquivado, por não haver materia juridica para a pronuncia.

AOS CAPITALISTAS

A SOCIEDADE PORTUGUESA DE ADMINISTRAÇÕES encarrega-se da colocação de capitais com garantia, e sem encargo algum para o capitalista.

Calçada do Sacramento, 14, 1.º

Economia e higiene no calçado obtem-se com o CREME CRISTALINO

Sapataria Contente, L.da

74, RUA DO CARMO, 74

RÊVE DE NINON

INAUGURAÇÃO DAS NOVAS INSTALAÇÕES

Rêve de Ninon, centro chic que acaba dé obter ums magnificas instalações, na **P. DOS RESTAURADORES, 65, 1.°**, continúa a ser a casa preferida pelas *élites* de bom gosto, de luxo e da elegancia *rafinée.*

De hoje em diante, está patente a exposição de ricas «toilettes» e bem assim de lindos chapeus cuja creação se deve á soberba iniciativa da **Chez Mimoso** de Paris.

As secções de beleza prosseguem na sua proveitosa actividade, sempre dirigidas por senhoras diplomadas, reveladoras de uma impecavel competencia.

Macieira & Monteiro, Limitada

P. DOS RESTAURADORES, 65, 1.° --- Telefone Central, 2617

Grande Restaurant

NOVA LISBOA

Avenida Conde Valbom

ABRIU com gabinetes reservados
Almoços e jantares á mesa redonda
Explendido serviço

Aberto toda a noite

MOBILIAS E ADORNOS

BIZARRO DA SILVA L.DA

R. AUGUSTA. 82 e 84 -- R. CORREEIROS, 21 e 23

TELEF. 2533

MOBILIAS em todos os estilos, carpetes, rideaux, brise-brise, passadeiras, oleados, panos de mesa, maples.

Embalagens para a Provincia e Africa
Pessoal habilitado
Preços sem competencia

---

90 CONTOS

HABILITAI-VOS

para a loteria de ámanhã, 7

Preço de bilhete 40 escudos

GRANDE SORTIDO DE TODOS OS CAMBISTAS

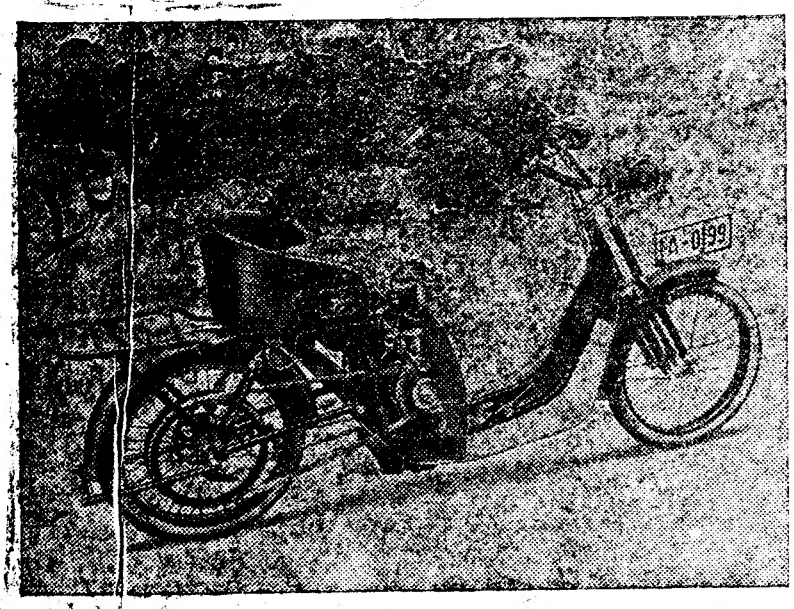
LARGO CAMÕES, 19
(Rossio)

Jaime Lápas, Limitada

Banco Popular Português

RUA AUREA, 56 a 60

Depositos á ordem e a praso
Compra e vende aos melhores preços do mercado: Cambiais, Papeis de credito, Coupons nacionais e estrangeiros vencidos e a vencer.
TELEFONE, 3521



1 CILINDRO 3 HP

VASCO CARMO -- T. Corpo Santo, 21 -- LISBOA

Fabrica de moveis

GIL DIAS D'ASSUMPÇÃO

Fornecedor da Legação Britanica --- Proprietario da antiga Fabrica de Moveis na
RUA DO SACRAMENTO, Á LAPA, N.os 29 a 33

Participa a todos os seus ex.mos clientes e amigos que reabriu, depois de completamente remodelada, a sua galeria de exposição de mobiliario artistico em varios estilos, e que, como sempre sob a sua direcção de tecnico com longa pratica continua executando os solidos, elegantes e confortaveis moveis estofados genero inglês e americano (a antiga especialidade da casa), esperando ficar devendo a honra de uma visita ao seu estabelecimento

29-33, Rua do Sacramento, á Lapa, 29-33

Telephone 1884 C.

O "Diario de Lisboa,, no Brasil

O nosso correspondente e representante no Rio de Janeiro e S. Paulo é o sr. Domingos José Cardoso, com escritorio na primeira destas cidades, na rua das Andradas, 40, para onde todos os nossos amigos, colaboradores, anunciantes e assinantes do Brasil poderão enviar as suas ordens.

Este nosso representante possue um serviço completo de informações sobre preços de publicidade, assinaturas e tudo que diz respeito ao «Diario de Lisboa»

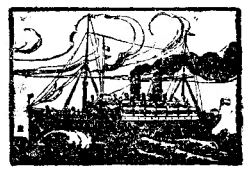
TABACO

Holandês legitimo e Belga

Importadores

PEREIRA & C.A, L.DA

R. DA MADALENA, 113, 2.°



PARA O

RIO DE JANEIRO

Para o Rio de Janeiro sairá a 15 de Julho o

Pedro Nunes

Para os poucos logares de passageiros ainda disponiveis, dirigir-se em Lisboa ao Comissariado Geral do Governo na séde da Sociedade de Geografia, rua Eugenio dos Santos.

No Porto, ao delegado do Comissariado Geral, no Palacio da Bolsa.

Aos srs. expositores é dada até 10 de Julho preferencia na compra das passagens, com uma notavel redução no seu preço.

COKE DE COZINHA
CARVÃO DE AZINHO
LELHAS SERRADAS

DISTRIBUIÇÃO ao domicilio e nas linhas de Sintra e Cascais. Vende mais barato

LUÍS DE OLIVEIRA SILVA Cruzes da Sé, 19, 1.°

Telefones { 4169 Central, 1946 Norte, 3523 Norte

Aos srs. fabricantes de tecidos

Tira-tacos, crômo bufalo—**Correias para trasmissão**, todas as medidas —**Manchons Cannelés**—**Tacos**—Atilhos, etc., etc., dos fabricantes:

Theodore Houben Vervieres--Belgica

Agente no Sul de Portugal;

VASCO CARMO — Travessa do Corpo Santo, 21 — LISBOA

Os melhores preços e condições de venda

ELECTROSYDERS, para alvejamento do algodão

GAZOLINA "*Shell*" PETROLEO

QUALIDADE SUPERIOR

Oleos combustiveis
Oleos de lubrificação

PEDIDOS Á

THE LISBON COAL & OIL FUEL C.O L.TD

LISBOA — Rua do Crucifixo, 49

PORTO — 246, Rua Mousinho da Silveira, 250

DAS 5 PARTES DO MUNDO — ESTRANGEIRO — DAS 5 PARTES DO MUNDO

PORTUGAL LÁ FÓRA

O trabalho

A sua organização e a agricultura

O nosso delegado no tribunal de justiça

PARIS, 6

O representante de Portugal advogou perante o tribunal de justiça internacional a competencia da organisação internacional do trabalho a respeito da agricultura, ao passo que os representantes da França e da Hungria sustentaram que a regulamentação das horas de trabalho aplicaveis á industria teriam como consequencia, quando aplicada á agricultura, uma diminuição na produção agricola e, portanto, o encarecimento da vida.—(H.)

NA ALEMANHA

A LEI DO SANEAMENTO

BERLIM, 5

O «Reichstag» discutiu a lei relativa á defesa da republica, tendo o ministro do interior afirmado que o governo está decidido a defender a lei do saneamento ou a cair com ela.—(H.).

O QUE SE PASSA NA IRLANDA

PRISÕES IMPORTANTES

DUBLIN, 5

Ás 16 horas a batalha está prestes a terminar e ás 10 as casas da rua O'Connel começam a deitar fumo. Os defensores do hotel Gresham, que tambem está a arder, capitularam ás 15 horas. Foram presos o sr. O'Brien, presidente da Liga Gaelitte, de Londres e o sr. Okenny, antigo «sinn feiner», que residia em Paris. — (H.).

Quereis poupar o calçado?
Usae o CREME CRISTALINO
Sapataria Contente, L.da
74, RUA DO CARMO, 74

Em armazem
Moinhos para ceriais com mós francesas
Mós francesas LA FERTÈ
Aparelhos para limpesa de ceriais
Bandejas para trigo
Escovadores para trigo
Crivos Marot legitimos
Ventoinhas para arrefecimento das mós
Remolhadores automaticos
Etc., etc., etc.
John M. Sumner & C.º
Sucessor
JOSÉ J. TEIXEIRA
Avenida da Liberdade, 29, 37
LISBOA

A QUESTÃO DO CAMBIO

A RECONSTRUÇÃO DA EUROPA

Dois sensacionais artigos de Henry Keynes e de Gabriel Hannoteaux

O ano de 1921 foi o de maior crise economica

O segundo numero do *Manchester Guardian*, dedicado á reconstrução europeia, insere dois artigos notaveis, um de Keynes definindo a tése inglesa e da maioria da Europa, outro de Gabriel Hannoteaux definindo a tése francesa.

* * *

O ano de 1921 foi o de maior crise economica desde a guerra, o que prova que nem só a guerra em si originou a repressão economica em que nos debatemos.

Dois factos mostram o que baixou a produção inglesa, que pode servir de referencia á produção europeia: o algodão do Lanolise baixou a produção da época da guerra americana, e a do ferro nunca foi tão pequena de há 70 anos para cá.

Além disto é preciso notar o facto da penuria no meio da abundancia: os mercados carecendo de generos, emquanto os depositos se encontram abarrotados.

Keynes reune assim as causas da má situação em que se encontra a Europa:

1) Destruição directa do bem estar material pela guerra;

2) Destruição do bem estar ideal garantido pela organização, com o completo ou parcial desmembramento dos quatro imperios europeus;

3) A atmosfera de desconfiança e hostilidade que resultou dos odios e vinganças da propria guerra, as rivalidades e animosidades dos novos estados, e o conflito economico com o governo dos «soviets» da Russia;

4) A flutuação periodica do credito.

Analizando estes quatro grupos de causas Keynes liga relativamente pouca importancia aos três primeiros, fazendo incidir a sua atenção principalmente sobre o ultimo.

A destruição material da guerra não abrangeu o mundo inteiro; pelo contrario, encontra-se localizada numa pequena extensão A destruição material que abrangeu todo o mundo, foi a da marinha, e em 1921 já havia maior tonelagem ao serviço que em 1914. Emquanto as casas e caminhos de ferro destruidos na França e Belgica, são menos dos que os construidos num só ano no ocidente da Europa.

A segunda e terceira causas sobre que se fazem conferencias continuamente não têm importancia de maior porque derivam de circunstancias creadas pela mão do homem, e que o homem remediará, logo que o bom senso penetrar na multidão e a opinião se impozer aos politicos.

A ultima parte é mais de considerar. A flutuação do credito que se tem verificado nos ultimos anos deriva em parte da imperfeição dos sistemas monetarios, em parte da agitação febril em que se tem manifestado a lei da oferta e da procura, em parte das bruscas alterações provocadas pelas altas de salario.

Mas como a baixa e a alta têm um termo, a primeira quando as mercadorias lançadas no mercado têm grande procura em virtude do preço tão baixo, a segunda quando em virtude dos preços tentadores, os produtores inundam o mercado de produtos em maior quantidade que a possibilidade de absorpção dos consumidores, Keynes vê aproximar-se o fim da baixa que tem dado logar ao abarrotamento dos armazens e á fome nos mercados.

Com efeito, diz ele, *suportamos o ano passado os mais violentos movimentos de baixa. Estes causaram uma baixa muito maior na produção do que no consumo; por isso mesmo, só é preciso tempo para que a produção se reanime.*

E a miseria não é senão aparente; porque não é miseria haver pouco dinheiro para comprar produtos, se-lo-hia haver poucos produtos e muito dinheiro quando desaparecer a confusão que se tem feito neste ponto, os animos ficarão suficientemente esclarecidos para resolverem os problemas que se encerram no segundo e terceiro grupo das causas apontadas.

* * *

Pelas palavras de Gabriel Hannotaux falam todos os franceses. Considera que a Alemanha está riquissima, que os habitantes das regiões devastadas ainda não teem casas e que a Alemanha está riquissima, que os habitantes das regiões devastadas ainda não teem casas e que a Alemanha tenta ganhar de duas formas: primeiro vendendo marcos e comprando dolares, e agora ligando o mundo á sua inflação monetaria.

O francês o que deseja é que o deixem reconstruir a sua economia, lentamente, sósinho, seguindo o caminho que se traçou. Que o deixem. E a Alemanha, visto que assinou, que pague.

E agora, uma observação de interesse geral e futuro, a unica que na tése francesa interessa realmente a todos:

Os senhores da economia politica andam fazendo sciencia positiva, sem contarem com uma parte importante da sociedade: os sentimentos. *E assim como a Russia, dum momento para o outro, arrastada por uma fôrça mistica, fugiu a todas as leis economicas, pode ser que u França, um dia, farta de tantas humilhações, levante os ombros a tanto calculo interesseiro e marche para onde a chame a honra. Que acontecerá nesse dia a todos os raciocinios economistas, que valerão as combinações de Genova, o chapéu alto de Tchitcherine, e os discursos de Rathenau?*

* * *

Keynes responde a esta tirada de Hannotaux dizendo esperar que as suas referencias á honra tenham um fito mais elevado do que uma nova guerra.

E que o francês, em logar de o atacar a ele Keynes, pelo que dizem os jornais, que lhe leia os livros e saberá que perante o seu proprio governo tem reclamado que se pague primeiro á França, como é de justiça. Simplesmente crê que os seus conselhos de moderação e quantias possiveis já teriam dado á França a reconstrução que ainda lhe não assegurou o fanatismo calculador de Poincaré.

Enfermeiro
desembarcado e com atestados, oferece os seus serviços, não se importando ir para fóra. Rua da Atalaia, 8.

A ESPANHA NO RIFE

O bloqueio

O cêrco em torno da Kabila Yabala

A acção da policia e a vida dos nucleos

MADRID, 6

Após as operações realizadas nos ultimos dias ficou fechado o cerco em torno da kabila Yabala. Falta apenas submeter duas pequenas zonas sem valor algum e inabitaveis no inverno.

Em consequencia do bloqueio e da acção da policia tornar-se-ha impossivel a vida dos nucleos que ali procuraram refugio por se verem perseguidos pelo Maghzen. Esses elementos rebeldes vêm-se repelidos por todos que têm algum valor por causa das suas proezas e condições de perversa deslialdade.

Os exitos obtidos são importantes, continuando as apresentações de indigenas.—(L. A.)

Os boatos sobre a crise ministerial

MADRID, 6.

São desmentidos categoricamente os boatos de crise ministerial, assegurando-se que o rei parte já no dia 10 a veranear, tencionando permanecer nos portos do norte durante todo o verão.—(L. A.)

O tratado hispano-francês

BARCELONA, 6

A associação do fomento do trabalho nacional dirigiu ao governo uma representação protestando contra o tratado hispano-francês, que considera ruinoso para a Catalunha.—(L. A.)

AGUAS DE SANTA MARTA
(ERICEIRA)
SÓ ELAS CURAM A TERRIVEL PRISÃO DE VENTRE. NO APARELHO DIGESTIVO-URINARIO E DOENÇAS DAS SENHORAS E PELE SÃO AS MELHORES
Vende-se em toda a parte
DEPOSITO GERAL: R. Afonso de Albuquerque, 4 (CRUZES DA SÉ)
LISBOA Telefone C. 2.659 LISBOA

LUMEN

EMPRESA INTERNACIONAL EDITORA
ULTIMAS PUBLICAÇÕES
Á venda em todas as livrarias
Cons. dr. Antonio Cabral
Terras Longinquas — 1 vol. profusamente ilustrado. . . . . 4$00
João Ameal
Olhos Cinzentos . . . . . 2$00
Eugenio de Castro
Tentação de S. Macario, poema. . . . . 2$50
Dr. Bettencourt Rodrigues
Medicina e Medicos. . . . . 5$00
Deposito Geral da «LUMEN»
Livraria F. França Amado, Sucessor—COIMBRA

6 HORAS DA TARDE — ULTIMAS NOTICIAS — 6 HORAS DA TARDE

CONGRESSO BEIRÃO

A excursão á vila de Louzã

Um passeio através da serra, uma cantata com "rataplan" de coros e sete discursos...

(Continuação da 4.ª pagina)

de Castro, Ines Garcia e mais pessoas. Ninguem nos reconheceu, de sujos de poeira. Contamos o successo e o sr. Alvaro de Castro propoz uma manifestação de simpatia aos Louzanenses. Ellas não vieram, a manifestação não se fez e nós seguimos para baixo vendo o Congresso Beirão, assentado na estrada, com os camiones e automoveis avariados.

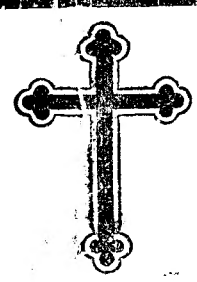
O almoço no Parque de Alfocheira, sitio de estar de uma boa senhora de 80 anos que não apareceu, apesar de ter as janelas do seu solar garrettiano todas abertas, todas com fecho de brasão, teve a frescura das arvores e a abundancia da lareira da Beira. Cunha e Costa, apesar de ter o sr. ministro da Agricultura á vista, organisou uma cantata, com rataplan de coros. Ajudámos. Houve quem cantasse em indiano... O sr. Marques Loureiro fez sete discursos saudando, numa forma muito dura de madrigal, as damas de Louzã.

Depois houve uma visita á Fabrica do Papel. O gerente mostra-nos a massa de que se fazem os jornais. E' dos residuos das oficinas; está a decantar e cheira mal, a lodo. Porque será que o papel dos jornais, que é o menos valioso, em branco, aquele que não tem emprego de materia prima, a não ser de residuos, custa tanto dinheiro? preguntei. Calou-se e convidou os jornalistas para o chá.

Regressámos a Coimbra. Ninguem nos recebeu na «gare». Só os estudantes, como é costume, pendurados nas paredes da estação, gritavam ironicos:—Hotel Japão! Hotel Japão! Hotel Japão! E' costume moderno...

A. P.

Limpeza e conservação do calçado obtem-se uzando o CREME CRISTALINO
Sapataria Contente, L.da
74, RUA DO CARMO, 74



José Alves d'Oliveira Neves

Confortado com os Sacramentos da Igreja

FALECEU

Ana Augusta Lourine Soares Neves, Carlos S. d'Oliveira Neves, sua mulher e filho, Luciano Soares d'Oliveira Neves e sua mulher (ausentes), America Neves Belo e seu marido, Maria José Neves Azevedo e seu marido, Mario Soares d'Oliveira Neves, Maria Rosa Soares Guimarães, America Soares da Silva (ausente), Mariana Soares Santos (ausente), Luiza Soares e Silva e seu marido (ausentes), participam o falecimento de seu muito chorado e querido marido, pai, sogro e cunhado José Alves d'Oliveira Neves e que o seu funeral se realisa ámanhã, 7 do corrente, pelas 3 horas da tarde, da rua Rodrigo da Fonseca, 43, rchão, para o cemiterio Oriental.

A TRAVESSIA DO ATLANTICO

OS AVIADORES EM S. PAULO

Portugueses desavindos que se conciliam

(Do nosso enviado especial ao Brasil)

S. PAULO, 6, ás 0,55.—A nota mais interessante da sessão solene que a colonia ofereceu a Gago Coutinho e Sacadura Cabral no Centro Republicano Português foi no discurso de Sacadura a passagem em que aconselha todos os portugueses a unirem-se á volta da bandeira da Patria. Entre os portugueses fizeram tanta impressão as palavras do aviador que nessa mesma noite se reconciliaram alguns portugueses desavindos ha anos por politica.—N. L.

Os combatentes aliados oferecem medalhas aos aviadores portugueses

S. PAULO, 6, ás 2,30—Realizou-se uma grande festa promovida pela colonia inglesa em honra de Sacadura Cabral e de Gago Coutinho, que está um pouco indisposto, pela fadiga. A essa festa associaram-se os combatentes da grande guerra italianos, franceses e romaicos, tendo os nossos aviadores sido aclamadissimos. Falou pela colonia o sr. Sadler, que, apesar da fleugma inglesa, entusiasmou a assistencia. Os ex-combatentes inter-aliados ofereceram medalhas comemorativas aos nossos aviadores.

No Club Português o baile foi deslumbrante. Pode dizer-se que as festas em S. Paulo igualam as da capital federal.—(N. L.).

Gago Coutinho disserta no meio de grande interesse

S. PAULO, 6, ás 2,5.—Os aviadores, que têm sido aclamadissimos nesta cidade, á compita com o Rio de Janeiro, estiveram admirando no Instituto Butantan a formosa colecção de cobras.

Na Academia Politecnica, deante de todo o corpo de alunos e professores especializados Gago Coutinho fez demonstrações scientificas de navegação aerea, explicando o seu metodo, tendo sido recolhidas notas da sua dissertação, que imediatamente foram passadas a outras escolas superiores.—(N. L).

A REVOLUÇÃO BRASILEIRA

Foi dominada completamente

S. PAULO, 6, ás 9,10. — Noticias directas do Rio dão a revolução por completamente dominada. A impressão em S. Paulo foi enorme. O governo é geralmente apoiado e o nome do dr. Epitacio Pessoa muito aclamado. Observo contudo que esta atitude merece reserva da parte de milhares de pessoas. — (N. L).

O movimento foi localizado

RIO DE JANEIRO, 6. — Esta noite não se ouviu tiroteio algum. O movimento foi ontem localizado, pelo governo, no forte de Copacabana. As comunicações urbanas funcionam normalmente. — (H.)

O caso Hermes da Fonseca

RIO DE JANEIRO, 5. — A Camara votou uma moção de solidariedade com o governo, a proposito da sua energica atitude no caso do marechal Hermes da Fonseca. — (A).

A TARDE PARLAMENTAR

Os Caminhos de Ferro

Entre os deputados Carvalho da Silva e Cunha Leal

trocam-se frases que provocam grande agitação

A' hora regimental estão na sala das sessões apenas dois deputados. Só ás 15,5 se fez a chamada.

***

A discussão dos projectos sobre caminhos de ferro será muito demorada, devendo usar da palavra muitos parlamentares, alguns deles com grande desenvolvimento.

***

O sr. Antonio da Fonseca continua a criticar os projectos. Defende o parecer de que o alargamento da rede ferroviaria deve ser subordinado a um plano geral de fomento.

***

Moção apresentada pelo sr. Antonio da Fonseca:

«A Camara dos Deputados, considerando a vantagem de discutir o parecer n.º 93, integrando-o num plano de fomento a realizar por conta da importancia que para tal fim está consignada no artigo 3.º da lei n.º 1.924, de 24 de março ultimo; considerando que a aplicação dessa verba depende do aumento de circulação fiduciaria a que a mesma disposição legal se refere, resolve achar a discussão deste parecer até que o governo, pedindo autorização para aplicar a verba do artigo 3.º da lei n.º 1.246, apresente ao Parlamento um plano geral de aplicação da verba de 40.000 contos, destinados a obras de fomento nacional.»

A proposito do projecto de remodelação dos quadros do funcionalismo publico trava-se um debate politico interessante. O sr. Carvalho da Silva, que tem a palavra reservada, aproveita a ocasião para censurar a administração republicana. A um áparte do sr. Cunha Leal o orador pronuncia as seguintes frases:

—Já ouvi o sr. Cunha Leal declarar na bancada dos independentes que, se algum dia se filiasse num partido, nunca esse partido seria o liberal. Hoje, tenho o prazer de o ver junto dos liberais e muito mais prazer teria em vê-lo junto de nós quando convencido de que a salvação nacional está na Monarquia.

O debate agita-se. Ha tumulto.

O sr. Cunha Leal, fogosamente, dominando a vozearia, acentua:

—Eu sou um soldado que nunca fugiu. Por isso não poderia aceitar como chefe um rei que fugiu. Estou no partido liberal porque a situação mudou.

«Procedo sempre com a consciencia dos actos que pratico.

Depois duma chuva de ápartes e de muita confusão, o sr. Carvalho da Silva continua a analisar serenamente o projecto em discussão.

NOS TERRAMOTOS

Quadrilha de salteadores

Alguns deles encontram-se presos, tendo revelado á policia parte das suas façanhas

Ha algumas semanas, começaram a dar-se, na area da esquadra dos Terramotos, frequentes assaltos á mão armada, roubos de criação, arrombamentos, etc. Estes factos, como é natural, alarmaram o bairro, pondo-se a policia em campo, para a descoberta dos criminosos.

Encarregados os habeis cabos 198 e 62 e os guardas 361, 1993 e 1869, desta investigação, conseguiram eles, esta madrugada, apanhar alguns dos salteadores.

Chamam-se estes Antonio Lopes da Costa e Antonio Hipolito, e moram no Largo da Ponte Nova, ás Escadinhas da Praia, 31, rez-do-chão. Cerca das 4 horas de hoje, passavam na Rua de Infantaria 16, com uns sacos ás costas, quando encontraram os referidos guardas que os levaram para a esquadra.

Uma vez ali, verificou-se que os sacos continham objectos roubados na «garage» da rua de Infantaria 16, letras M. R., pertencente a D. Adelaide Prado Rodrigues: dois grandes farois, um carburador, um magneto, uma chave inglesa e uma camara de ar.

O chefe Alexandre Alves conseguiu a confissão, não só desse, mas de outros roubos, a cuja pratica eles dizem que foram instigados por José Ramos, o que ha tempos serrou as grades do Limoeiro, e pelo «Arranhado», Antonio Alfama, que ainda não foram presos.

Afirmaram-se autores de um grande roubo há dias praticado numa casa de pasto de Antonio Leitão, na Rua da Fabrica da Polvora, 130, onde levaram tudo que encontraram e que foi vendido ao «Padeirinho», José Augusto Simões, por 78 escudos. Foi passada uma busca a casa deste individuo que foi preso, sendo-lhe aprendidos alguns dos referidos objectos.

O *Padeirinho* declarou ignorar a proveniencia deles, tendo-os comprado, por tencionar estabelecer-se com taberna. O valor deles é superior a dois contos.

Os presos disseram á policia:

— Tomem cuidado com os outros, que andam armados e preferem mata-los a serem presos!...

O chefe da esquadra dos Terramotos tambem prendeu, numa furna, embrulhado numa manta, o conhecido gatuno de criação Carlos David, que declarou ser desertor de infantaria 1.

O cabo Antonio Maria, chefe do Grupo dos 13 foi hoje preso

Por ordem do comissario geral da policia, foi hoje preso o cabo de policia Antonio Maria. Parece que a sua detenção é motivada por difamação do major sr. Carrão de Oliveira.

LEI DO INQUILINATO
CONSULTAS, depositos, notificações, acções de despejo, acôrdo entre SENHORIOS e INQUILINOS, e todos os assuntos de advocacia com seriedade, rapidez e economia. R. GARRETT, 50, 2.º (Chiado). Telf. C. 5356.